

## Sarney expõe seu pacto de unidade nacional

Haroldo Holanda

No avião em que viajou para o Recife com uma comitiva de parlamentares pernambucanos, entre os quais se incluíam os deputados Egydio Ferreira Lima, Thales Ramalho, José Jorge, José Moura e Maurílio Ferreira Lima, o presidente José Sarney aproveitou a oportunidade para explicitar melhor o alcance do pacto político que pretende firmar com todos os partidos. Desse grande acordo nacional não ficaria excluído nenhum partido. Dele seriam chamados a participar, desde o PDS até os partidos de extrema-esquerda, como o PT, o PC e o PC do B, segundo a concepção desenvolvida pelo presidente da República.

O propósito de que se acha animado o presidente José Sarney é o de incluir nesse pacto político com os diversos partidos nacionais, não só as questões institucionais, como os problemas de natureza econômica e social. O deputado pernambucano Egydio Ferreira Lima, do PMDB, um dos participantes do encontro a bordo do avião presidencial, observa que se trataria de um pacto político semelhante ao de Moncloa, celebrado na Espanha entre todas as forças políticas, mas adaptado nas suas peculiaridades e contingências à realidade brasileira.

O deputado Egydio Ferreira Lima prefere denominar de pacto da unidade nacional. Ao parlamentar pernambucano horroriza a idéia do chamado governo de união nacional, porque isso representaria a participação no poder de todos os partidos, sem a existência de um núcleo de Oposição. Para Egydio, o regime democrático representativo só ganha vitalidade e força no conflito entre Governo e Oposição.

Aliás, a certa altura da sua conversa com o grupo de deputados do PMDB pernambucano, o presidente Sarney fez questão de deixar claro que a solidariedade por parte dos partidos a esse pacto de unidade nacional não significa que eles vão perder sua identidade própria ou sua face personalizada perante o eleitorado e o próprio povo brasileiro. Recordou o presidente que já enfrenta grandes dificuldades para consolidar a Aliança Democrática, representada em torno do PMDB e da Frente Liberal, através da qual procura compor e evitar conflitos que com frequência se registram entre as duas forças políticas incumbidas de dar sustentação parlamentar ao seu Governo e a sua obra administrativa.

Embora solidários com o pacto da unidade política, os partidos vão conservar sua fisionomia própria e seu poder de crítica em torno de medidas do Governo com as quais não concordem. A propósito, convém salientar que seria impossível obter simplesmente um acordo de Governo tão amplo e profundo, entre partidos tão díspares e preocupados em alcançar objetivos os mais variados e opostos, como PDS, PMDB, Frente, PC do B, PDT, PC e PT. Só aí existe uma gama variada de divergências quase insanáveis.

A finalidade maior do pacto, segundo advertem os parlamentares que ouviram a palavra do presidente Sarney, seria a de obter um consenso em torno de medidas políticas, econômicas e sociais, que contêm com a aceitação consensual da sociedade brasileira. A preocupação hoje maior do presidente Sarney é com a dívida externa. Acredita ele, bem como as lideranças políticas de maior responsabilidade que com ele dialogaram, que obtida com esse pacto político a unidade nacional, o Governo brasileiro ganhará substância e respaldo para negociar, com os nossos credores, invertido de condições mais favoráveis e até vantajosas, a questão da dívida externa. Nos termos em que se acha atualmente colocado o problema da dívida externa, constitui ponto de estrangulamento e asfixia na economia brasileira, capaz, pelas suas repercussões, de frustrar todos os nossos planos e projetos políticos, inclusive no campo institucional.

Aliás, o deputado Maurílio Ferreira Lima, depois de ouvir a exposição presidencial sobre o pacto de unidade nacional, comentou na intimidade com seus colegas de Parlamento que o presidente Sarney acabava de propor acordo da maior importância e significação, pelas repercussões que poderia ter na vida do País.